

REVISTA DE ARTE E DE CRÍTICA (Porto, 1878-1879) – O título revela-se ambicioso ou um incentivo à escrita polémica, já então com tradição nos meios periodista e literário português? A sua “Introdução”, texto de abertura assinado por “R. R.”, começa assim: A presente Revista é **principalmente crítica**; o advérbio tem explicação n’uma anarchia temerosa que vae dando irrisória lei a grande parte da geração contemporânea.” Saíram 8 números entre Novembro de 1878 e Fevereiro de 1879, mas previa-se a sua continuação, uma vez que **Ernesto Pires** anuncia futuras colaborações para “próximos números da Revista” na sua “última página”, a 64. Mesmo sem “ficha técnica”, Ernesto Pires, além de colaborador, também é confirmado como o seu proprietário¹.

Em 1996, Alfredo Santos publica pela primeira vez o estudo: “Ficcionistas e Teóricos do Realismo nas Revistas Literárias do Porto” na rubrica “Memórias Literárias” de *O Tripeiro: repositório de notícias portugalenses* (7.ª série, n.º 10, pp. 311-312), onde escreve um importante verbete resumido, que aqui reproduzimos: “A **Revista de Arte e de Crítica** foi um **semanário** que se publicou no Porto, entre o fim de 1878 e o início do ano seguinte. Na apresentação, ficou marcado o propósito de afastamento da Anarquia de grande parte da «geração contemporânea», ao mesmo tempo que era criticada a «absorção pela política, das forças mentais dos jornalistas», de que Alexandre da Conceição era considerado «uma honrosa excepção». O editorial terminava com uma chamada à ordem do bom senso e da probidade e com a declaração de que a revista não era o órgão da «Geração Nova». Nos colaboradores, **destaque para os artigos de crítica literária de Silva Pinto**; entre eles, um que é dedicado à «Literatura Fisiológica» (n.º 1). O ensaísta, ainda na fase em que defendia o Realismo, citava Gustavo Planche: «O Realismo não é a reprodução da Natureza mas sim a sua interpretação». **No n.º 6 [Primeira Página] foi publicada a notícia da partida de Silva Pinto para o Brasil, com direito a retrato e a nota biobibliográfica.** Dos colaboradores das duas correntes literárias então em confronto, **Pedro Lima, Guilherme Braga e Gomes Leal** eram os principais representantes do Realismo literário. **Mendes Leal** marcava a presença da poesia romântica e era publicada uma **carta inédita de Feliciano de Castilho** [Vieira de Castro, deportado por ter morto a esposa, é criticado literariamente, no n.º 2, pp. 11-12]. Como vemos, destes três últimos periódicos, a *Revista Literária* foi redigida por Silva Pinto, que então lhe deu uma orientação naturalista. Nas duas outras publicações, a *Revista Literária do Porto* e a **Revista de Arte e [de] Crítica**, embora na sua apresentação fosse assumido um certo afastamento da nova corrente literária, foi dominante a colaboração dos cultores do Realismo- Naturalismo, a ponto de ficar comprometida uma oposição a esse movimento, não se podendo inferir, portanto, que tenham constituído uma onda de reacção ao clima naturalista que então se fazia sentir. Assim, não se poderá considerar que estas revistas sejam representativas duma reacção contra a Nova Geração Realista.”²

¹ RAFAEL, Gina Guedes, e SANTOS, Manuela (coord. e org.) - *Jornais e Revistas Portugueses do Séc. XIX, vol. II*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998- 2002, p. 240.

² SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – “Ficcionistas e Teóricos do Realismo nas Revistas Literárias do Porto: Revistas Literárias no Movimento Realista”. In *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009, p. 92.

Pela sua principal área de crítica de Arte e respetivo tipo de conteúdo que encontramos nesta revista, incluímo-la na *Imprensa Artística*, como categoria de periódico.

Relembremos o significado do vocábulo “crítica”, o qual “etimologicamente significa *juízo de valor*“. E, esteticamente, designa o julgar do “poder expressivo das realizações artísticas”. E este “aquilatar da qualidade dos símbolos ou meios de comunicação próprios de cada arte” – literatura, teatro, etc. – “implica uma boa dose de subjectividade.”³

Silva Pinto transcreve um texto do Viriato (de Vizeu) sobre crítica: “São de reconhecida utilidade para a critica, as publicações desta natureza, quando dirigidas por litteratos da tempera do snr. **Silva pinto, que nos parece ser o director literário** da nova Revista. É porém infelizmente verdade, que não teem tido longa vida estas publicações. Em Portugal não se póde fazer critica, ninguém a recebe. Uma critica conscienciosa, justa, severa, passa nos espíritos da nossa literatura como um vendaval, que arruindo habitações, arrancando arvores, destruindo as cearas., leva nas suas azas devastadoras as imprecações das victimas. **A nossa literatura está habituada a uma critica mansa, pacata, uma critica de chinelos e robe de chambre.** [...] Oxalá não aconteça à *Revista de Arte e de Critica* o mesmo que a tantas outras.” Silva Pinto responde ousadamente: “ Que os eunucos meditem: seria archi-grutesco, por exemplo, vêr o nome de **Narcizo de Lacerda rebaixado ao elogio que por ahi mendiga a conspurcada tribu dos aráujs** [...]” (rubrica Expediente”, n.º 5, p. 40), pois este é que era o diretor literário desta revista.

CONTEXTO HISTÓRICO- SOCIAL

Estamos no reinado de D. Luís (1861-1880), cognominado “o popular”, por ser “amado” pelo povo. Depois do conflito parlamentar que rebentou em 1878, Fontes Pereira de Melo (1819-1887) foi chamado pela segunda vez para ser Ministro do Reino. E é neste ambiente reformista e de crise política que nasce a *Revista de Arte e de Critica*, na cidade do Porto.

A *Instrução Pública* ou Educação como hoje se denomina, foi uma das áreas que foi alvo de reforma. Sobre a “Leitura”, escreve J. Hermano Saraiva (ex-Ministro da Educação no *Estado Novo*): “Os *Evangelhos* era um dos textos utilizados no ensino da leitura. Em 1863 discutia-se qual seria preferível como livro para a instrução primária – se *Os Lusíadas* de Camões, se o *D. Jaime* de Tomás Ribeiro. A falta de professores, a falta de edifícios e a miséria das remunerações explicam o enorme atraso do ensino primário durante todo o século XIX. Em 1900, a taxa global de analfabetismo era de 80%.”⁴

Vem a “talho de foice”, o texto de Silva Pinto sobre a Biblioteca do Porto, a qual “continua a ser o património dos felizes desocupados durante as horas de actividade geral – das 10 às 3. Há pouco, foi lido em sessão da camara municipal, um requerimento, assignado por grande numero de escriptores,

³“Crítica“. In *Enciclopédia: dicionário Diário de Notícias*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996-1997, p. 468.

⁴ SARAIVA, José Hermano (Dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1983, Vol. VI, p. 70.

advogados e professores, tendente a obter da Camara a abertura da Bibliotheca até às 9 horas da noite. [...]. Com a resposta adiada para “quando houver recursos”, segue-se a crítica de SP: “Raciocinio do sabio vereador: O numero de horas de leitura deve diminuir segundo a ignorancia publica. [...] Registemos apenas o nome do apostolo da instrucção popular, para gratidão dos vindouros: - Antonio Pinto de Magalhães Aguiar; professor da Academia Polytechnica da cidade do Porto [rubrica “Expediente”, n.º 2, p. 16].”

ESTRUTURA GRÁFICA

Apresenta um cabeçalho com o título em letra maiúscula a iniciar cada número, além da data (mês e ano) também aparece a sua longevidade sempre repetida: *Anno I*. Saiu das oficinas da “Typ. Commércio e Industria, rua do Corpo da Guarda, 29”, informação que apresenta em rodapé na primeira página de todos os seus números, exceto no último, o n.º 8.

Revista ou jornal, por se apresentar impressa a duas colunas e com o formato *in 4º grande* (4 folhas), tem dimensão de 32 cm. A coleção é conhecida por ter oito números impressos sem anunciantes e também não refere assinantes. Cada número é numerado individualmente mas as suas páginas têm numeração contínua no canto superior direito (exceto na primeira página de cada número), o que perfaz um total de 64. A periodicidade desta publicação nunca foi semanal, por referências encontradas, mas sim quinzenal, exceto entre o n.º 1 (Novembro de 1878) e o n.º 2 (Dezembro 1878) em que foi mensal.

COLABORAÇÃO LITERÁRIA

Como publicação periódica chega a ser “acusada” de ser **publicada por Silva Pinto**, no periódico lisbonense *Diário de Portugal*, o qual escreve sobre a *Revista de Arte e Crítica*: “Recebemos o **primeiro número do jornal** deste título, **publicado no Porto, pelo sr. Silva Pinto**, que assigna trez dos seus principaes escriptos.” Esta “acusação” (e outras) é desmentida pelo autor **Raphael** (pseudónimo?). Sobre outra crítica da mesma origem: “**A publicação enérgica do título...** constitue symptoma de lesão, que **o nosso empirismo cura, ainda, mediante a aplicação de dois açoites**. Desculpará o deshumano proceder!”- Responde também Raphael na sua rubrica “Os Ridículos: aqui tosqiam-se camêlos” (n.º 2, pp. 15-16).

Silva Pinto é realmente a “alma” da revista e, logicamente, também recebe muitas críticas, uma delas de um *literato coiza de Araujo* (colaborador do jornal *Diário Illustrado*?): “A individualidade litterária que firma os principaes escriptos do primeiro número... é Silva Pinto. Todos o conhecemos. É adepto da crítica enérgica, mas sacrifica muito no altar do seu amor próprio e das suas paixões, por vezes pouco justas. É um **polemista distinto e sobretudo um caracter independente** que detesta a maioria dos literatiços louvaminheiros; mas o seu azedume contra eles é arma que fere por vezes sem distincção. **A sua crítica deve antes chamar-se verrina.**” Silva Pinto transcreve esta crítica e responde-lhe assim: “Sabemos descortinar, em tudo isto, a injustiça, a verdade – e o favor, também. Que os leitores o saibam como nós.”

Tudo isto se lê (e muito mais) na rubrica “Expediente” (n.º 4, p. 32). Esta rubrica tem periodicidade regular e é assinada por Silva Pinto até ao n.º 5 (inclusive). E vai ser o último texto publicado no último número, o 8, assinada por Ernesto Pires desde o n.º 6.

Ao partir para o Brasil (na realidade é autoexílio) Silva Pinto (1848-) é homenageado na primeira página do nº 6 (pp. 41-42) da revista, com um retrato não assinado (única ilustração), e uma biobibliografia escrita por Ernesto Pires que, a dada altura, escreve: “Ultimamente essa guerra redobrou em tenacidade e Silva Pinto foi alvo das vaias dos seus inimigos. Desgostoso por esse motivo, resolveu o nosso colega a abandonar a terra, onde tinha, e ainda tem, amigos sinceros. [...] É prodigioso o trabalho De Silva Pinto espalhado durante cinco anos (1874-1878) nas columnas da imprensa do Porto, desde a *Actualidade* e o *Diário da Tarde* até à *Voz do Povo*, por elle sustentada com o vigor que todos se recordam.”

Dos colaboradores, num total de vinte, catorze publicaram apenas poesias, quase todas no subgénero ultrarromântico, especialmente cultivado, e quase só, por poetas portuenses.

Não podemos também deixar de destacar outros colaboradores, representantes da “arte da crítica”: **Souza Moreira**, o religioso (contra o celibato sacerdotal, o poder papal, etc.); **Luiz Botelho**, o de Arte (contra a falta de qualidade nos teatros de Lisboa e do Porto) e os dois pseudónimos (?) **Raphael** e **Camilo dos Moinhos** (com o artigo “Pensamentos Livres”, n.º 6, pp. 44-46), os mais cáusticos críticos literários, teatrais e sociais desta revista especializada em crítica.

Fechamos com uma nota patriótica, presente na última estrofe de “Versos”, recitados no Ateneu Artístico Portuense (n.º 8, p. 51) pelo autor **Narcizo de Lacerda**:

“(...)
O Estudo! a Instrucção! – resgate universal!
Que este seculo e o vindouro, edade sobre edade,
Oiçã sempre bradar o velho Portugal:
Eu sou independente! ah! Viva a Liberdade!”

Helena Roldão

Lisboa, HML, 16 de Julho de 2013.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

RAFAEL, Gina Guedes, e SANTOS, Manuela (coord. e org.) – *Jornais e Revistas Portugueses do Séc. XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998- 2002.

Enciclopédia: dicionário Diário de Notícias. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996-1997.

SARAIVA, José Hermano (Dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1983.